



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

HESLLY HONORATO DUARTE

**AS VÍTIMAS DAS GUERRILHAS DURANTE A DITADURA CIVIL
MILITAR (1964 – 1985)**

CAMPINA GRANDE – PB
2016

HESLLY HONORATO DUARTE

**AS VÍTIMAS DAS GUERRILHAS DURANTE A DITADURA CIVIL
MILITAR**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba como requisito para conclusão de curso e obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dra. Luíra Freire

CAMPINA GRANDE - PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D812v Duarte, Heslly Honorato
As vítimas das guerrilhas durante a ditadura civil militar
[manuscrito] / Heslly Honorato Duarte. - 2016.
27 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Luira Freire Monteiro,
Departamento de História".

1. Guerrilha urbana. 2. Vítimas. 3. Ditadura civil militar. I.
Título.

21. ed. CDD 981.063

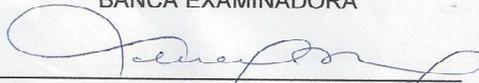
HESLLY HONORATO DUARTE

**AS VÍTIMAS DAS GUERRILHAS DURANTE A DITADURA CIVIL
MILITAR**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba como requisito para conclusão de curso e obtenção do grau de licenciado em História.

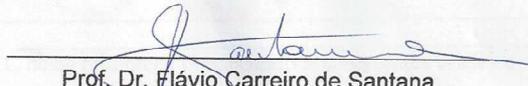
Aprovado em 7 de Outubro de 2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Luira Freire Monteiro

Orientadora



Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana

Examinador



Prof. Ms. Matusalém Alves de Oliveira

Examinador

AGRADECIMENTOS

À Deus por sua permissão para que tudo acontecesse naturalmente, mesmo com as dificuldades, a fé Nele me fez continuar e alcançar muitos objetivos em minha vida.

Aos meus pais pelo apoio dado ao longo dos anos, que através da educação me fez chegar até aqui, e tem-me sustentado através de orações e conselhos.

À Universidade Estadual da Paraíba que através do corpo docente tem contribuído para minha formação acadêmica, que através de aulas e conteúdos diversos me ajudou no crescimento pessoal, intelectual e profissional.

À professora orientadora que aceitou participar deste importante momento, e mesmo em curto espaço de tempo ajudou a construir esta pesquisa para conclusão de curso.

A banca examinadora que recebeu este projeto para avaliação, onde através das observações realizadas pretendo crescer profissionalmente.

Ao Daniel Moreno, diretor do documentário "Reparação", que através de excelente trabalho me inspirou e ajudou na criação deste artigo.

Aos amigos e colegas da Universidade onde fizeram parte de minha formação e contribuíram para o aprendizado acadêmico.

E aos funcionários da Universidade Estadual da Paraíba que fizeram parte do nosso dia a dia dando auxílio em toda parte burocrática.

“A justiça, cega para um dos dois lados, já não é justiça. Cumpre que enxergue por igual à direita e à esquerda”.

Rui Barbosa

SUMÁRIO

Introdução	6
Capítulo I	8
O golpe civil militar e suas consequências	8
Os grupos de esquerda e a guerrilha	10
Capítulo II	13
As vítimas das guerrilhas	13
Entrevista com Jayme Edmund filho de Jayme Cardenio Dolce	15
Conclusão	24
Referência bibliográficas	26

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar e compreender o papel das guerrilhas urbanas durante a ditadura civil militar no Brasil, apresentando livros e panfletos que o movimento utilizou como base para atuação e difusão de suas ideias de esquerda e comunista. Pretendemos observar como principal figura deste trabalho, as vítimas que as guerrilhas fizeram ao longo dos anos, com foco principal nos civis que não teriam relação com a ditadura, mas foram atingidos por esse conflito, seja por acidentes ou até mesmo de forma proposital. Foram escolhidas duas pessoas como personagens para entendermos como esses, até os dias atuais não foram indenizados, e nem ouvidos pela “comissão da verdade”. Livros, panfletos, entrevistas e trechos de documentário também foram utilizados como forma de pesquisa do trabalho.

Palavras Chave: Guerrilha urbana, vítimas, ditadura civil militar.

INTRODUÇÃO

As guerrilhas urbanas tiveram papel importante durante longo período no Brasil, e este trabalho tem intenção de refletir e discutir a cerca das guerrilhas durante a ditadura civil militar brasileira, suas raízes, a forma de atuação, seus objetivos e como atingiram pessoas nas quais não estavam envolvidas diretamente com o regime instaurado na época.

Este trabalho não tem intenção de negar a ditadura ou defender aqueles que fizeram parte desse projeto, pois, sabemos da existência de tortura, assassinatos e repressão. O objetivo central é ouvir vozes que estão esquecidas ao longo dos anos, e que não têm representação política de direita ou esquerda.

Tratar da esquerda brasileira é um tema que requer muita cautela, pois os principais personagens, tidos como vítimas de uma ditadura civil militar, também deixaram marcas deste regime em outros personagens da sociedade. O tema ainda não foi trabalhado em detalhes devido à dificuldade em coletar material relacionado aos acontecimentos, e também à aceitação nos meios acadêmicos.

As guerrilhas são grupos que lutavam por um ideal que buscava derrubar a ditadura e instaurar um regime no qual tais grupos acreditavam. Estes se utilizaram de vários mecanismos de ataque e defesa como forma de se mostrar presente na sociedade. A pesquisa foi realizada em torno desses grupos e de como eles agiam, até chegarmos ao ponto chave deste trabalho que são as vítimas que esses grupos fizeram.

Como principais objetivos deste artigo, pretende-se trazer um novo olhar sobre as guerrilhas, não os tratando apenas como vítimas, mas abordando outro lado da história desses grupos. Através deste trabalho é oferecida a oportunidade de rever alguns conceitos, o principal deles o termo "comissão da verdade" no qual deve ser tratado com bastante cuidado, devido à importância da comissão. Por outro lado devemos questionar o conceito de verdade que está sendo levado em consideração, sendo necessário rever até onde podemos avançar na história buscando várias narrativas sobre o fato em questão, a ditadura civil militar.

Essa pesquisa abre novas possibilidades de narrativas da história, as vítimas dessas guerrilhas não estavam apoiando os militares com a ditadura, nem a esquerda com as guerrilhas, estavam apenas em suas rotinas, mas foram atingidos, em algum momento, por ataques de guerrilheiros e tiveram suas vidas transformadas, ou através de mutilações e deficiências, ou terminadas mediante tal fato, que foram ataques com bombas, assaltos, entre outras formas de agir.

O interesse em realizar esta pesquisa veio a partir do documentário "Reparação", que conta um pouco sobre a ditadura e sobre a vida de Orlando Lovecchio, personagem no qual ficou deficiente para o resto de sua vida devido aos ataques das guerrilhas. A partir do documentário surgiram alguns questionamentos sobre como até onde esses ataques prejudicaram a vida da população.

Outro personagem deste trabalho é Jayme Cardenio Dolce, o qual estava apenas trabalhando na Casa de saúde Dr. Eiras e foi assassinado em um assalto que os guerrilheiros realizaram no local. São pessoas como essas, civis que foram vítimas das guerrilhas, que dão voz a este trabalho.

Capítulo I

O golpe civil militar e suas consequências

O Brasil vivia tempos complicados se tratando de política. Tínhamos a presença de várias figuras importantes no nosso cenário e de diferentes correntes ideológicas e partidárias. Iniciando pela renúncia de Jânio Quadros e, após o plebiscito, a posse de João Goulart, este não teve muito apoio de alguns setores da sociedade para se manter no governo. Ele contou com a oposição de militares e setores conservadores, os quais o acusavam de práticas de corrupção; a economia não reagia bem as suas políticas, entre outros fatores, e tudo isso contribuiu para a realização de um golpe civil militar. Esse foi um momento no mundo onde vários países sofreram com a divisão entre direita e esquerda, gerando vários conflitos, e se tratando de Brasil, foi instaurado um golpe civil militar no ano de 1964. A partir deste fato, pretende-se trabalhar sobre as guerrilhas e sua forma de luta.

A partir do ano de 1964 o Brasil vive um novo momento em sua história, onde uma ditadura militar toma conta do país. A partir de então vários pensamentos e práticas consideradas impróprias para nação começaram a ser perseguidas. Entre as quais, as ideias comunistas que iam contra o governo dos militares. A esquerda brasileira desde antes da ditadura militar já teria suas divisões e também tinham suas pretensões políticas, como nos mostra Marco Antônio Villa em seu livro:

A esquerda estava fracionada em diversos grupos. E todos com seu projeto de golpe. O Partido Comunista Brasileiro imaginava que poderia apoiar Jango – como declarou Prestes indiretamente no programa Pinga Fogo – na aventura golpista ou, com base na suposta influência que tinha nas Forças Armadas, tentar o “seu” golpe. O Partido Comunista do Brasil (PC do B) era politicamente inexpressivo. Mesmo assim, enviaria um primeiro destacamento de militantes para treinamento guerrilheiro na China, ainda em março de 1964. (VILLA, 2014, p.42).

Esses são apenas alguns dos vários projetos e pretensões comunistas no Brasil. Além dos citados acima, também são encontrados a preparação das Ligas Camponesas, Os brizolistas e outros de menor expressão. Isso nos mostra como

também eram notórias as várias divisões dentro da mesma corrente ideológica de esquerda. Tomando como base os movimentos de esquerda citados anteriormente, continuamos nosso estudo mais especificamente tratando das guerrilhas e suas formas de resistência e luta e como esses fatos afetaram a vida das pessoas nas quais nem sempre estavam envolvidas diretamente com a ditadura civil militar.

Em linhas gerais, o novo regime foi marcado por políticas conservadoras que se justificavam a estar combatendo o comunismo e pretendia restaurar a disciplina no país. Outro ponto marcante foi a censura em vários aspectos, desde a política até práticas sociais. Ainda sobre a atuação dos militares, eles agiram por vezes de forma repressiva, o que também gerou com que essas guerrilhas e grupos de esquerda reagissem, gerando assim conflitos internos, nos quais trataremos posteriormente. Em relação à censura, Carlos Fico aborda de maneira muito clara em sua obra, Versões e Controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar, como houve vários tipos de proibição durante a ditadura civil militar:

Não houve uma censura durante o regime militar, mas duas. A censura da imprensa distinguia-se muito da censura de diversões públicas. A primeira era “revolucionária”, ou seja, não regulamentada por normas ostensivas. Objetivava, sobretudo, os temas políticos stricto sensu. Era praticada de maneira acobertada, através de bilhetinhos ou telefonemas que as redações recebiam. A segunda era antiga e legalizada, existindo desde 1945 e sendo familiar aos produtores de teatro, de cinema, aos músicos e a outros artistas. Era praticada por funcionários especialistas (os censores) e por eles defendida com orgulho. (FICO, 2004, p.37).

A consequência da censura foi a criação do AI-5, medidas tomadas na ditadura que podem ser consideradas o auge da repressão e da cassação de direitos dos cidadãos, justificados por integrantes mais conservadores do regime, considerados "linha dura", como mostra Carlos Fico a seguir.

Para os militares da linha dura, a opção de setores da esquerda pela “luta armada” confirmou a necessidade de implantação do “Sistema de Segurança Interna” (Sissegim); para estes setores da esquerda, o AI-5 confirmou a tese da impossibilidade de luta no terreno legal. Assim, o AI-5 pode ser visto como o resultado do processo de maturação da linha-dura: ela usou os episódios de radicalização de 1968 apenas como

justificativa para sua constituição em “comunidade”, isto é, para sua “institucionalização” como “sistema” oficial do governo. (FICO, 2003: p.182-183).

Os grupos de esquerda e a guerrilha

A esquerda brasileira já estava dividida mesmo antes do golpe civil militar. Durante o regime essa divisão continua, a partir de então por meio de atuação de vários grupos que aderiram às lutas armadas. Estes tiveram duas áreas de atuação, o campo e a cidade.

As guerrilhas já tinham sua formação antes mesmo do golpe de 1964 e, vários desses grupos, teriam ligação com Cuba, que era considerado um país referência para a luta armada. As ligações eram de diversas formas e até mesmo com treinamento e auxílio na luta contra a ditadura brasileira, Denise Rollemberg trata sobre o assunto em seu livro "O apoio de Cuba à luta armada no Brasil", onde ela afirma:

Quanto à revolução brasileira, Cuba apoiou a formação de guerrilheiros, desde o momento em que assumiu a função de exportar a revolução, quando o Brasil vivia sob o regime democrático do governo João Goulart, ou seja, antes da instauração da ditadura. A maior parte, como disse, foi treinada a partir de 1968, quando Cuba já havia se voltado para a construção do socialismo em um único país, com o apoio da URSS. (Pág.13).

As guerrilhas atuavam por várias frentes, sejam por assaltos, sequestros e outras formas de ataques. Tratando especificamente das guerrilhas urbanas, aquelas que atuavam nas cidades, há vários exemplos de ações que por vezes tiveram êxito e em outros casos culminou no fracasso. A intenção do trabalho é mostrar como essas guerrilhas agiam e os efeitos que causaram na sociedade, as vítimas que essas ações fizeram ao longo dos anos durante o regime civil militar.

Antes de começar a tratar especificamente das guerrilhas, é preciso definir o que é ser um guerrilheiro e como ele age. Na obra “Manual do Guerrilheiro Urbano” de Carlos Marighela, as definições são bem claras e diretas:

O guerrilheiro urbano é um homem que luta contra uma ditadura militar com armas, utilizando métodos não convencionais. Um revolucionário político e um patriota ardente, ele é um lutador pela libertação de seu país, um amigo de sua gente e da liberdade. A área na qual o guerrilheiro urbano atua são as grandes cidades brasileiras. (Pág.04)

Outro ponto de bastante relevância da obra são as formas de agir de uma guerrilha e seus objetivos, que vão desde acabar com a ditadura no país, como também desestabilizar o sistema capitalista. Para ser um guerrilheiro urbano, o participante teria que ter conhecimentos específicos na área de explosivos, química, eletricidade, mecânica, entre outras tantas ciências. O conhecimento era de extrema importância para a formação de planos e esquemas que os membros colocariam em ação.

Além de todo planejamento para ataques, alguns grupos de guerrilhas como a ALN (Aliança Libertadora Nacional), também tinham o trabalho de disseminação das ideias. Através de panfletagens, comícios e reuniões, os militantes trabalhavam junto à população para defender a implantação do comunismo no Brasil. Com críticas às empresas e ao imperialismo, entre outros assuntos temas, os panfletos eram confeccionados, como nos mostram as figuras a seguir.



Figura 1 <http://www.documentosrevelados.com.br/geral/cartazes-e-panfletos-da-alianca-nacional-libertadora-anl>



Figura 2 <http://www.documentosrevelados.com.br/geral/cartazes-e-panfletos-da-alianca-nacional-libertadora-anl>

A pretensão dos guerrilheiros urbanos em linhas gerais sempre foi atingir o governo e os grandes empresários, mas em ataques bem sucedidos vários cidadãos que não estavam ligados diretamente ao regime civil militar também foram atingidos. Em algum assalto onde a guerrilha fez vítimas, ou em explosão a bancos, por vezes pessoas nas quais estavam trabalhando, ou apenas passando no local foram atingidas chegando a óbito, caso de Jayme Cardenio Dolce ou ficando com deficiência para o resto de suas vidas, como ocorreu com Orlando Lovecchio.

Capítulo II

As vítimas das guerrilhas

Essas são apenas duas histórias entre tantas outras onde as guerrilhas

propositalmente ou acidentalmente fizeram vítimas, que sofreram consequências de uma luta nas quais eles não participavam, mas como fazem parte da sociedade, se tornaram alvos e até hoje esperam por justiça.

Orlando Lovecchio, hoje com 70 anos, foi vítima de uma bomba instalada pela Vanguarda Popular Libertadora, grupo de guerrilha armado. Ele teve sua história contada no documentário “A Reparação”, onde o mesmo fala de como sua vida foi prejudicada e sofreu danos que ele carrega ao longo dos anos.

Neste documentário vamos ter a presença de várias figuras importantes como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o sociólogo Demétrio Magnoli, o historiador Marco Antônio Villa, o próprio Orlando Lovecchio, entre outros. Em contato com o responsável pelo trabalho, o diretor Daniel Moreno nos fala sobre a dificuldade em realizar o documentário, pois o material é muito escasso e as pessoas envolvidas têm dificuldade em falar ou são de difícil contato.

Em 19 de março de 1968 Orlando Lovecchio, 22, chega em sua residência após visitar família em Santos, estaciona seu carro em um local próximo, já que no seu edifício não tinha garagem, e ao passar em frente ao consulado dos Estados Unidos que ficava no percurso foi surpreendido com uma explosão. Edmundo Ribeiro de Mendonça e Vitor Fernando Varela, os dos amigos de Lovecchio sobreviveram sem arranhões, mas ele teve um destino diferente, perdeu uma das pernas e, em consequência disso, até hoje não conseguiu concluir seu curso de piloto de avião.

Existem alguns fatos a cerca do caso Lovecchio que chamam atenção. O autor do atentado, Diógenes Carvalho de Oliveira, do grupo Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), foi contemplado através de indenização com pensão vitalícia além de ter recebido R\$400 mil retroativos. Já a vítima do atentado Lovecchio foi apenas contemplada com a pensão por invalidez pelo INSS em 2004, e recebe algo em torno de R\$ 635 mensal, valor mencionado durante uma entrevista ao jornalista Guilherme Meirelles, da Agencia Estado para o jornal Estado de São Paulo em 2010.

Em um trecho da entrevista o diretor do documentário Daniel Moreno, questiona: "Decidi fazer o filme quando tomei conhecimento do caso do Orlando, há cerca de três anos. Afinal, qual o conceito para estabelecer o valor de uma indenização?".

Parte dos atos realizados pelas guerrilhas são considerados terrorismo. No próprio Manual do Guerrilheiro Urbano, os participantes assumem essa postura. Quando se coloca um explosivo em algum local, o risco é muito grande de ocorrer casos como o de Orlando Lovecchio, e os autores têm consciência de tal responsabilidade. Segue um trecho do manual na qual Carlos Marighella fala sobre o terrorismo:

O terrorismo é uma ação, usualmente envolvendo a colocação de uma bomba ou uma bomba de fogo de grande poder destrutivo, o qual é capaz de influir perdas irreparáveis ao inimigo.

Ainda que o terrorismo geralmente envolva uma explosão, há casos no qual pode ser realizado execução ou incêndio sistemático de instalações, propriedades e depósitos norte-americanos, fazendas, etc. É essencial assinalar a importância dos incêndios e da construção de bombas incendiárias como bombas de gasolina na técnica de terrorismo revolucionário. Outra coisa importante é o material que a guerrilha urbana pode persuadir o povo a expropriar em momentos de fome e escassez, resultados dos grandes interesses comerciais. (Pág.46)

Ainda sobre os ataques das guerrilhas que não acabaram como esperado, temos a história de uma vítima que foi à óbito.

Era 2 de setembro de 1971, e Jayme Cardenio Dolce chefiava a equipe de segurança da casa de saúde Dr. Erias, de onde aguardava o carro forte com dinheiro para o pagamento de funcionários. Foi então que a guerrilha Aliança Libertadora Nacional realizou um ataque ao local. Houve troca de tiros e ao fim da ação foram totalizadas três vítimas, os seguranças Dermeval Ferreira dos Santos, que deixou 10 filhos, Sílvio Amâncio dos Santos, com sete filhos e Jayme Cardenio Dolce, com quatro filhos.

Entrevista com Jayme Edmund filho de Jayme Cardenio Dolce

Em entrevista ao site "Verdade Sufocada" o filho de Jayme Cardenio Dolce, Jayme Edmund Dolce fala sobre um pouco de sua história e como até hoje sua família

busca por justiça:

Inconformado até hoje, com a morte do pai, Jayme Dolce , morador de Varginha, Minas Gerais, assíduo visitante de nosso site, deu-nos, por telefone e e-mail, a seguinte entrevista:

A Verdade Sufocada - Jayme, fale-nos um pouco de seu pai.

Jayme - Meu pai era gaúcho e tinha 55 anos de idade quando foi assassinado por esses terroristas covardes. Deixou minha mãe, Dona Dalva, e quatro filhos menores. Nós residíamos na Rua Caruaru, 398, no Grajaú. Ele, depois de aposentado, trabalhava na Casa de Saúde Dr Eiras, em Botafogo, no Rio de Janeiro. Era chefe do Departamento de Pessoal e da segurança da Casa de Saúde.

A Verdade Sufocada - Como era sua vida, enquanto seu pai era vivo?

Jayme - Tínhamos uma vida de classe média, morávamos em uma boa casa, estudávamos em bons colégios, éramos sócios de três clubes. Éramos uma família feliz. Minha mãe trabalhava para ajudar meu pai a criar os quatro filhos menores.

A Verdade Sufocada - Que idade tinham vocês, quando essa tragédia aconteceu?

Jaime - Minha mãe tinha 36 anos, minha irmã Dênia, 13 anos, Luiz, 12 , eu, 10 e Flávia 8 anos.

A Verdade Sufocada - Como passou a ser a vida de vocês?

Jayme - Minha mãe foi e é uma guerreira. Sua determinação deram forças para, com muita dificuldade e sem apoio de ninguém, educar e criar os quatro filhos sozinha. Não recebemos apoio de nenhuma autoridade, nem mesmo dos donos da Casa de Saúde pela qual ele morreu.

A Verdade Sufocada - E sobre os outros 17 órfãos você soube mais alguma coisa?

Jayme - Não, perdemos o contato com as outras famílias. Mas, imaginamos que as viúvas dos dois guardas, uma com 10 filhos e outra com 7, órfãos da violência desses bandidos , devem ter tido muitas dificuldades para criá-los.

Nós nos mudamos para Varginha depois que minha irmã Denia casou e, apesar de ter tentado mais dados sobre o assalto, não consegui localizar mais nenhuma das outras vítimas. Já me ofereci para várias cadeias de TV, como o Programa do Paulo Henrique Amorim- Domingo Espetacular-, para levar ao conhecimento do público, como agiam os "defensores da liberdade", esses "heróis" e nada consegui. Parece que só existe interesse em mostrar o lado dos terroristas.

Não queria que a memória de meu pai fosse esquecida. Parece, no entanto que para grande parte da mídia, esses bandidos é que são sempre lembrados. Seus filhos são as vítimas, recebem o conforto da mídia, indenização do governo, reportagens glorificando seus pais e homenagens do governo, colocando seus nomes em praças, ruas e escolas. O próprio presidente Lula sugeriu recentemente que os retratos desses "heróis" sejam colocados nas paredes do novo prédio da UNE.

Sei que são muitos os que, como nós, perdemos seus entes queridos. Seus algozes, tentando implantar no Brasil uma ditadura comunista iniciaram essa luta insana que envolveu inocentes, chefes de famílias trabalhadores, enlutando o país. Hoje, eles se passam por vítimas e são cultuados como heróis.

Meu desejo e de minha família, assim como as outras que perderam parentes é que nossos entes queridos não sejam esquecidos e que a sociedade brasileira faça justiça aos que foram abatidos pelos terroristas e resgate aos seus familiares a certeza de que eles não morreram em vão.

Para quem perdeu um pai que cumpria com seu dever, como nós, essa situação, esse descaso com o nosso sofrimento é revoltante! (Dolce, Jayme Edmund. 2008, *Verdade Sufocada*. Entrevista concedida ao site Verdade Sufocada).

Percebemos que na fala de Jayme existe um sentimento de revolta por parte dele e de sua família, pois nunca tiveram benefícios pelo fato ocorrido. A família também encaminhou o caso para a "comissão da verdade", essa que investiga crimes, torturas e sequestros ocorridos pelos militares durante a ditadura e procuram punir os culpados pelos atos.

Abaixo segue a mensagem enviada por Jayme à comissão da verdade.

Jayme Edmundo Dolce escreveu para a Ouvidoria da Comissão

Nacional da Verdade perguntando se seria examinado o atentado terrorista na Casa de Saúde Dr Eiras, em 1971, que vitimou seu pai, Cardenio Jayme Dolce, delegado aposentado e mais dois seguranças.

Recebeu como resposta a carta abaixo:

Caro senhor Jaime Edmundo Dolce,

De acordo com os exatos termos da Lei 12.558/2011, que instituiu a Comissão Nacional da Verdade, assim como com a fundamentação expressa em sua Exposição de Motivos, fica claro que a CNV encerra ciclo normativo iniciado em 1995, com a promulgação da Lei nº 9.140/1995, que textualmente reconhece a responsabilidade do Estado brasileiro, por seus agentes públicos, por graves violações à pessoa humana, tais como torturas, desaparecimentos forçados, assassinatos, etc.

Neste sentido, por elementar e óbvio, à Comissão Nacional da Verdade somente cabe tratar de comportamentos consumados por agentes públicos, servidores militares e civis ou terceiros agindo em nome do Estado, que, comprometendo drasticamente o bom nome das instituições a que serviam, cometeram violações aos direitos fundamentais.

Os que se opuseram ao sistema ditatorial, nesse quadro, foram processados, julgados e condenados à luz da legislação em vigor e das instituições em funcionamento e em momento de notório comprometimento da independência dos poderes.

Portanto, na exata observância dos comandos legais, e a Democracia assim refulge, a Comissão Nacional da Verdade tem por escopo normativo expresso apurar as graves violações cometidas contra a pessoa humana pelo Estado brasileiro, por seus agentes públicos, a fim de que, nunca mais, nós, da geração presente, e todos os que venham das futuras gerações de brasileiras e brasileiros, consideremos que a truculência, a tortura, os desaparecimentos e os assassinatos sejam a solução para as nossas divergências.

Atenciosamente,

Adilson Santana de Carvalho

Ouvidor da Comissão Nacional da Verdade
Centro Cultural Banco do Brasil – Portaria 3 – 2º andar – sala 233

Ao realizar pesquisas algumas fontes, como os clubes naval, militar e aeronáutica dizem que a lista de vítimas fatais chega um número em torno de 120, na grande maioria militares, devido aos confrontos realizados em ações, tanto em áreas rurais e urbanas. Dentro desse número também estão inseridos aqueles que não estavam envolvidos diretamente com o regime, e são sobre essas pessoas que o trabalho tratou.

Os sites “Terrorismo nunca mais” (Ternura) e o Direitas Já divulgaram uma lista com nomes e detalhes do ocorrido na época. Tentamos entrar em contato com Ternura, grupo formado por militares e civis que desde 1998 vem reunindo artigos, fotos e materiais em defesa da ditadura, mas o contato foi sem sucesso. O Ternura divulgou uma lista com 119 nomes de vítimas das guerrilhas, abaixo segue 115 desses nomes divulgados, lembrando que muitos desses casos foram em confrontos, então pode-se questionar a veracidade dos fatos ocorridos.

1964:

12/11/64 – Paulo Macena, Vigia – Rio de Janeiro;

1965:

27/03/65 – Carlos Argemiro Camargo, Sargento do Exército – Paraná;

1966:

25/07/66 – Edson Régis de Carvalho, jornalista – Pernambuco;

25/07/66 – Nelson Gomes Fernandes, almirante – Pernambuco;

1967:

24/11/67 – José Gonçalves Conceição (Zé Dico) – Fazendeiro – São Paulo;

15/12/67 – Osiris Motta Marcondes, bancário – São Paulo;

1968:

10/01/68 – Agostinho Ferreira Lima – Marinha Mercante – Rio Negro / AM;

31/05/68 – Ailton de Oliveira, guarda Penitenciário – Rio de Janeiro;

26/06/68- Mário Kozel Filho – Soldado do Exército – São Paulo;

27/06/68 – Noel de Oliveira Ramos – civil – Rio de Janeiro;
27/06/68 – Nelson de Barros – Sargento PM – Rio de Janeiro;
01/07/68 – Edward Ernest Tito Otto Maximilian Von Westernhagen – Major do Exército Alemão – Rio de Janeiro;
07/09/68 – Eduardo Custódio de Souza – Soldado PM – São Paulo;
20/09/68 – Antônio Carlos Jeffery – Soldado PM – São Paulo;
12/10/68 – Charles Rodney Chandler – Cap. do Exército dos Estados Unidos – São Paulo;
24/10/68 – Luiz Carlos Augusto – Civil – Rio de Janeiro;
25/10/68 – Wenceslau Ramalho Leite – Civil – Rio de Janeiro;
07/11/68 – Estanislau Ignácio Correia – Civil – São Paulo;
1969:
07/01/69 – Alzira Baltazar de Almeida – Dona de casa – Rio de Janeiro / RJ;
11/01/69 – Edmundo Janot – Lavrador – Rio de Janeiro / RJ;
29/01/69 – Cecildes Moreira de Faria - Subinspetor de Polícia;
20/01/69 – José Antunes Ferreira - Guarda Civil – Bahia/Minas Gerais;
31/03/69 – Manoel Da Silva Dutra – Civil – Rio de Janeiro;
14/04/69 – Francisco Bento da Silva – Motorista – São Paulo;
14/04/69 – Luiz Francisco da Silva – Guarda bancário – São Paulo;
08/05/69 – José de Carvalho – Investigador de Polícia – São Paulo;
09/05/69 – Orlando Pinto da Silva – Guarda civil – São Paulo;
27/05/69 – Naul José Montovani – Soldado PM – São Paulo;
22/06/69 – Guido Boné – Soldado PM – São Paulo;
22/06/69 – Natalino Amaro Teixeira – Soldado PM – São Paulo;
11/07/69 – Cidelino Palmeiras do Nascimento – Motorista de táxi – RJ;
24/07/69 – Aparecido dos Santos Oliveira – Soldado PM – São Paulo;
20/08/69 – José Santa Maria – Gerente de Banco – Rio de Janeiro;
25/08/69 – Sulamita Campos Leite – Dona de casa, Pará;
31/08/69 – Mauro Celso Rodrigues – Soldado PM – Maranhão;
03/09/69 – José Getúlio Borba – Comerciante – São Paulo;
03/09/69 – João Guilherme de Brito – Soldado da Força Pública – São Paulo;
20/09/69 – Samuel Pires – Cobrador de ônibus – São Paulo;

22/09/69 – Kurt Kriegel – Comerciante – Porto Alegre/RS;
30/09/69 – Cláudio Ernesto Canton – Agente da Polícia Federal – São Paulo;
04/10/69 – Euclides de Paiva Cerqueira – Guarda particular – Rio de Janeiro;
06/10/69 – Abelardo Rosa Lima – Soldado PM – São Paulo;
07/10/69 – Romildo Ottenio – Soldado PM – São Paulo;
31/10/69 – Nilson José de Azevedo Lins- civil – Pernambuco;
04/11/69 – Estela Borges Morato – Investigadora do DOPS – São Paulo;
04/11/69 – Friederich Adolf Rohmann – Protético – São Paulo;
14/11/69 – Orlando Girolo – Bancário – São Paulo;
17/11/69 – Joel Nunes – Subtenente PM – Rio de Janeiro;
18/12/69 – Elias dos Santos – Soldado do Exército – Rio de Janeiro;
1970:
17/01/70 – José Geraldo Alves Cursino – Sargento PM – São Paulo / SP;
20/02/70 – Antônio Aparecido Posso Nogueiro – Sargento PM – São Paulo;
11/03/70 – Newton de Oliveira Nascimento – Soldado PM – Rio de Janeiro;
31/03/70 – Joaquim Melo – Investigador de Polícia – Pernambuco;
02/05/70 – João Batista de Souza – Guarda de Segurança – São Paulo;
10/05/70 – Alberto Mendes Junior – 1º Tenente PM – São Paulo;
11/06/70 – Irlando de Moura Régis – Agente da Polícia Federal – Rio de Janeiro;
15/07/70 – Isidoro Zamboldi – Segurança – São Paulo;
19/08/70 – Vagner Lúcio Vitorino da Silva – Guarda de segurança – Rio de Janeiro;
29/08/70 – José Armando Rodrigues – Comerciante – Ceará;
14/09/70 – Bertolino Ferreira da Silva – Guarda de segurança – São Paulo;
21/09/70 – Célio Tonelly – soldado da PM – São Paulo;
27/10/70 – Walder Xavier de Lima – Sargento da Aeronáutica – Bahia;
10/11/70 – José Marques do Nascimento – Civil – São Paulo;
10/11/70 – Garibaldi de Queiroz – Soldado PM – São Paulo;
10/11/70 – José Aleixo Nunes – Soldado PM – São Paulo;
10/12/70 – Hélio de Carvalho Araújo – Agente da Polícia Federal – Rio de Janeiro;
1971:
07/01/71 – Marcelo Costa Tavares – Estudante – 14 anos – Minas Gerais;
12/02/71 – Américo Cassiolato – Soldado PM – São Paulo;
20/02/71 – Fernando Pereira – Comerciarío – Rio de Janeiro;

08/03/71 – Djalma Peluci Batista – Soldado PM – Rio de Janeiro;
24/03/71 – Mateus Levino dos Santos – Tenente da FAB – Pernambuco;
04/04/71 – José Julio Toja Martinez – Major do Exército – Rio de Janeiro;
07/04/71 – Maria Alice Matos – Empregada doméstica – Rio de Janeiro;
15/04/71 – Henning Albert Boilesen – Industrial – São Paulo;
10/05/71 – Manoel da Silva Neto – Soldado PM – São Paulo;
14/05/71 – Adilson Sampaio – Artesão – Rio de Janeiro;
09/06/71 – Antônio Lisboa Ceres de Oliveira – Civil – Rio de Janeiro;
01/07/71 – Jaime Pereira da Silva – Civil – Rio de Janeiro;
02/09/71 – Gentil Procópio de Melo -Motorista de praça – Pernambuco;
02/09/71 – Jayme Cardenio Dolce – Guarda de segurança – Rio de Janeiro;
02/09/71 – Silvâno Amâncio dos Santos – Guarda de segurança – Rio de Janeiro;
02/09/71 – Demerval Ferreira dos Santos – Segurança – Rio de Janeiro;
10/71 – Alberto da Silva Machado – Civil – Rio de Janeiro;
22/10/71 – José do Amaral – Sub-oficial da reserva da Marinha – Rio de Janeiro;
01/11/71 – Nelson Martinez Ponce – Cabo PM – São Paulo;
10/11/71 – João Campos – Cabo PM – São Paulo;
22/11/71 – José Amaral Vilela – Guarda de segurança – Rio de Janeiro;
27/11/71 – Eduardo Timóteo Filho – Soldado PM – Rio de Janeiro;
13/12/71 – Hélio Ferreira de Moura – Guarda de Segurança – Rio de Janeiro;
1972:
18/01/72 – Tomaz Paulino de Almeida – Sargento PM – São Paulo;
20/01/72 – Syllas Bispo Feche – Cabo PM - São Paulo;
25/01/72 – Eizo Ito – Estudante – São Paulo;
01/02/72 – Iris do Amaral – Civil – Rio de Janeiro;
05/02/72 – David A. Cuthberg – Marinheiro inglês – Rio de Janeiro;
15/02/72 – Luzimar Machado de Oliveira – Soldado PM – Goiás;
18/02/72 – Benedito Monteiro da Silva – Cabo PM – São Paulo;
27/02/72 – Napoleão Felipe Bertolane Biscaldi – Civil – São Paulo;
12/03/72 – Manoel dos Santos – Guarda de Segurança – São Paulo;
12/03/72 – Aníbal Figueiredo de Albuquerque – Coronel R1 do Exército – São Paulo;
08/05/72 – Odílio Cruz Rosa – Cabo do Exército – Pará;

02/06/72 – Rosendo – Sargento PM – São Paulo;
29/06/72 – João Pereira – Mateiro - Região do Araguaia – Pará;
09/09/72 – Mário Domingos Panzarielo – Detetive Polícia Civil – Rio de Janeiro;
23/09/72 – Mário Abraim da Silva – Segundo Sargento do Exército – Pará;
27/09/72 – Sílvio Nunes Alves – Bancário – Rio de Janeiro;
09/72 – Osmar – Posseiro – Pará;
01/10/72 – Luiz Honório Correia – Civil – Rio de Janeiro;
06/10/72 – Severino Fernandes da Silva – Civil – Pernambuco;
06/10/72 – José Inocência Barreto – Civil – Pernambuco;
1973:
21/02/73 – Manoel Henrique de Oliveira – Comerciante – São Paulo;
22/02/73 – Pedro Américo Mota Garcia – Civil – Rio de Janeiro;
25/02/73 – Octávio Gonçalves Moreira Júnior – Delegado de Polícia – São Paulo;
12/03/73 – Pedro Mineiro – Capataz da Fazenda Capingo;
24/07/73 – Francisco Valdir de Paula – Soldado do Exército – Região do Araguaia –
Pará;
1974:
10/04/74 – Geraldo José Nogueira – Soldado PM – São Paulo.

Lembrando que cada um dos nomes citados são casos particulares e devem ser analisados individualmente, mas especificamente os civis da época como Orlando Lovecchio, que não está na lista, pois não foi a óbito, ou Jayme Cardenio Dolce, foram vítimas sem relações com o regime da época, então cabe no mínimo o questionamento como historiador sobre o papel da “comissão da verdade” sobre essas pessoas e seus familiares.

A "comissão da verdade" tem como trabalho analisar vários casos de vítimas da ditadura civil militar, e apesar de ser muito importante, não está abrangendo todos aqueles que foram prejudicados durante a ditadura, então até onde podemos ampliar essa comissão a não estar baseado em um conceito de verdade, e sim realizar um processo por várias narrativas e vozes sociais para então indenizar e punir um maior número de pessoas.

Como historiador segue trabalho para ampliarmos a visão de história, e principalmente o papel da esquerda brasileira nessas comissões, que coloquialmente poderíamos dizer que estão apenas “olhando para seus pares”. É preciso ampliar a visão de história para cada vez mais trabalharmos em cima da história dos “esquecidos” como as pessoas citadas acima e tantas outras que fizeram parte de uma história recente e amarga de nosso país.

Conclusão

O Trabalho “As vítimas das guerrilhas durante a ditadura Civil Militar” nos deu a possibilidade de rever o conceito de “verdade”, embutido em discursos popularizados ao longo dos recentes anos, principalmente através da “Comissão da Verdade”, ao qual questionamos. Em 2016, ano em que este trabalho é apresentado, completa-se 52 anos do golpe de 1964. A reflexão de forma ampla sobre as vítimas nos permitiu estender o olhar àqueles que não estavam alinhados a nenhuma corrente ideológica, e concluir que os personagens tidos como vítimas de tal regime também fizeram suas vítimas, em menor escala, mas com intensidade de dor e descaso à figura do ser humano equivalente àquelas praticadas pelos que possuíram o poder no período em questão.

Na busca pelo poder, tanto militares quanto comunistas deixaram marcas na sociedade que não podem, nem devem ser esquecidas. Tais marcas fazem parte da reestruturação política e social do Brasil e por isso devem ser analisadas por diferentes observadores para evitar que, como historiadores, estejamos realizando apenas repetições tendenciosas de discursos, ao invés de formularmos nossas próprias avaliações, baseadas em fatos reais e comprovados.

ABSTRACT

This work aims to study and understand the role of urban guerrillas during the civil-military dictatorship in Brazil, presented books and pamphlets that the movement used

as a basis for action and dissemination of his leftist ideas and communist. We will also see how the main figure of this work, the victims that the guerrillas have made over the years, focusing primarily on civilians not have relationship with the dictatorship, but were hit by this conflict, either by accident or even on purpose. two people as characters were chosen to understand how these, to the present day were not indemnified, nor heard by "truth commission", as well as books and pamphlets, were also used interviews and documentary as a form of research work.

Keywords: Urban Guerrilla, victims, civil-military dictatorship.

Referência bibliográficas:

ALMEIDA, Dinorah Lopes Rubim. A guerrilha esquecida: Memórias do Caparaó (1966-1967), o primeiro foco guerrilheiro contra a ditadura militar no Brasil. Vitória, 2014.

ALMEIDA, Dinorah Lopes Rubim. A repressão e os descaminhos da luta armada no Brasil. XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013.

DA SILVA, Izabel Pimentel. Horizontes Revolucionários: A Cultura Política Guerrilheira Durante a Ditadura Civil-Militar Brasileira. Revista Contemporânea – Dossiê 1964-2014: 50 anos depois, a cultura autoritária em questão. Rio de Janeiro, 2014.

DE ANGELO, Vitor Amorim. Ditadura militar, esquerda armada e memória social no Brasil. XI Congresso Brasa, Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, 2012.

Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,documentario-traz-a-tona-vitima-de-vitimas-da-ditadura,498898>

Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/>

Disponível em: <http://www.ofielcatolico.com.br/2005/02/a-ditadura-militar-no-brasil-verdade.html>

Dolce, Jayme Edmund. 2008, *Verdade Sufocada*. Entrevista concedida ao site Verdade Sufocada.

FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARIGHELLA, Carlos. *Manual do Guerrilheiro Urbano*. 1970.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro. Os comunistas no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

REPARAÇÃO. Direção: Daniel Moreno. Terra nova filmes, São Paulo, 2012.

ROLLEMBERG, Denise. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SALES, Jean Rodrigues. *O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)*. Dissertação de doutorado. Campinas, SP, 2005.

USTRA, Carlos Alberto Brilhante. *A Verdade Sufocada*. 10. Ed: Brilhante Ustra, 2014.

VILLA, Marco Antônio. *Ditadura à brasileira: 1964-1985: A Democracia Golpeada à Esquerda e à Direita*. São Paulo: Leya, 2014.

VILLA, Marco Antônio. *Jango, um perfil*. São Paulo: Globo, 2004.